



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS MÚSICAS REGIONAIS DE MATO GROSSO

LINGUISTIC VARIATION IN THE REGIONAL MUSIC OF MATO GROSSO

Natanael Vieira de Souza (PPGL/UNEMAT-Cáceres)¹
natodesouza@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, que se insere na teoria sociolinguística, mais precisamente, se utilizando do conceito de mudança e variação linguística, trazemos uma importante descrição e análise de variações e mudanças ocorridas no cancionário popular em Mato Grosso, um estado da federação com grande diversidade linguística marcada pela oralidade dos povos tradicionais que desde o século XVIII, período colonial, tiveram a sua oralidade marcada pelo contato entre indígenas, africanos escravizados e europeus, e, também, pela influência da imigração de outros povos oriundos das mais diferentes regiões do país a partir da década de 70 do século passado, fazendo com que a língua falada cotidianamente, em algumas regiões, se apresente rica em variações. Com a chegada de imigrantes, estas variações da língua em uso foram colocadas em disputa com outras formas de usos, ora foram marcadas por traços de oralidades de outras regiões (pelos imigrantes) outras, marcadas pelo saber científico (Linguagem formal ou padrão). Em nossa análise pudemos constatar que, tanto a mudança como a variação, acontece com muita frequência na oralidade do povo mato-grossense, fato este que comprova o caráter heterogêneo da língua. Também pudemos constatar como a oralidade de um povo serve como um marcador de gestos de resistência, tanto na forma falada (prosa) como da forma cantada (verso/canção).

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Oralidade. Canção.

ABSTRACT: In this article, which is part of sociolinguistic theory, more precisely, using the concept of linguistic change and variation, we bring an important description and analysis of variations and changes that occurred in the popular songbook in Mato Grosso, a state of the federation with great marked linguistic diversity by the orality of traditional peoples who, since the 18th century, colonial period, had their orality marked by contact between indigenous people, enslaved Africans and Europeans, and also by the influence of the immigration of other peoples from the most different regions of the country from 70s of the last century, making the language spoken daily, in some regions, rich in variations. With the arrival of immigrants, these variations of the language in use were put into dispute with other forms of use, sometimes marked by oral traces from other regions (by immigrants), others marked by scientific knowledge (formal or standard language). In our analysis we were able to verify that both change and variation occur very frequently in the oral language of the people of Mato Grosso, a fact that proves the heterogeneous character of the language. We were also able to see how the orality of a people serves as a marker of gestures of resistance, both in spoken form (prose) and sung form (verse/song).

KEYWORDS: Variation. Orality. Song.

1. Introdução

¹ Pós-graduando pelo Programa de pós graduação em Linguística PPGL/UNEMAT.



Como pesquisadores e analistas da língua e suas dinâmicas, sabemos da existência das variantes da língua portuguesa, até por entendermos a língua como algo heterogêneo, vivo e suscetíveis às mudanças, sejam elas quais forem. Inicialmente podemos partir de um ponto de observação mais geral, e consideramos a língua portuguesa falada no mundo, onde o significante “língua portuguesa” é o mesmo, mas que, os signos e os sons, não terão o mesmo significado, principalmente se considerarmos a variante falada no Brasil em comparação com a língua portuguesa falada, em Portugal e nos vários países lusófonos.

Sabemos também que, dentro de cada variante há um outro fenômeno a que chamamos de variação linguística. Importante ressaltar que, entendemos o conceito de variante e de variação tal como preconizado por (CALVET, 2020, p. 90), que diz o seguinte: “Entendemos aqui por *variável* o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e por *variante* cada uma das formas de realizar a mesma coisa”.

Considerando esta premissa, bem como a dimensão territorial e a diversidade da população brasileira, podemos afirmar que, as formas de se falar a língua portuguesa no Brasil, também são heterogêneas, múltiplas, diversas e, grande bibliografia já se fez a este respeito. Se não pelo que se produziu de textos diversos, artigos, monografias, dissertações e teses, este fenômeno pode ser constatável por qualquer pessoa que porventura tem o privilégio de viajar por este país e, ao dialogar com as pessoas, provavelmente há de se deparar com as mais diferentes formas de uso da nossa língua, seja pela influência dos europeus, asiáticos, africanos, como, também, influência dos povos originários deste imenso território chamado Brasil.

No estado de Mato Grosso – nosso recorte geográfico destinado a pesquisa deste artigo –, não acontece diferente do restante do país, principalmente, em relação às variações linguísticas manifestadas na língua cotidiana/coloquial falada pela sua população. Talvez, por influência da imigração de outros povos oriundos das mais diferentes regiões do país, o estado de Mato Grosso, em termos de diversidade linguística,

mais se parece com uma colcha de retalhos, de forma que, no tocante a língua em uso, as peculiaridades linguísticas se apresentam, também, de forma múltipla, multifacetada.

Por todas estas características aqui brevemente descritas, a produção cultural do estado segue (re)produzindo os costumes, bem como, os dizeres da sua população, seja nas peças teatrais, peças publicitárias, sua poesia, literatura de um modo geral e também grande parte da sua produção musical, a qual daremos maior enfoque neste trabalho, principalmente as canções voltadas aos temas regionais.

No tocante a produção musical em Mato Grosso, podemos dizer que, nas três últimas décadas e meia, houve um aumento exponencial e, embora hoje já se fala em revitalização das músicas produzidas neste estado e, de uma nova geração de compositores de músicas mato-grossenses encabeçados pelos(as) artistas Ana Rafaela, Lorena Ly, Henrique Maluf, pelo rapper Linha Dura e pelo compositor Caio Mattoso², autores como João Eloy (o doutor do rasqueado) e mestre Guapo (Milton Pereira de Pinho), ambos, cantores, compositores, poetas e escritores, nos revelam o quanto é jovem a produção de músicas regionais cantadas, ou seja, a produção de canções regionais, nas palavras de Guapo,

É interessante notar que o rasqueado cuiabano, até os anos 1970, era instrumental, não possuía letras. Da gênese da música regional, Zulmira Canavarros, Mestre Albertino, Tote Garcia, Mestre José Agnello Ribeiro, todos tão criativos quanto relevantes para quem tiver que se enveredar pela história da música mato-grossense³. (MORAIS, 2019, não paginado)

² Este grupo de artistas foram convidados a participar de um projeto intitulado “Nova música nova de Mato Grosso” sob a condução do maestro Fabrício Carvalho, no Teatro Universitário da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso). Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/05/agenda-tem-concertos-espetaculos-de-teatro-e-exposicoes-em-mt.html>. Acesso em: 17 abr. 2022.

³ Disponível em: http://www.mt.gov.br/rss/-/asset_publisher/Hf4xlehM0Iwr/content/13003753-guapo-e-joao-eloy-revelam-os-segredos-das-composicoes-do-rasqueado/362998/pop_up?_101_INSTANCE_Hf4xlehM0Iwr_viewMode=print&_101_INSTANCE_Hf4xlehM0Iwr_languageId=pt_BR – Acesso em: 17 abr. 2022.



De forma que a música de Mato Grosso adquire o estatuto de canção (letra e música em um só suporte), nos meados da década de 1980, segundo o autor, acima citado,

Na geração seguinte, na década de 1980, de Guapo, João Eloy, Roberto Lucialdo, Pescuma, Mestre Bolinha, Vera e Zuleika o gênero incorpora a letra cantada e as canções passam a retratar um outro viés da cultura cuiabana, o registro de suas tradições.

Surgia então uma nova etapa, reconhecida por muitos estudiosos como a revitalização do rasqueado, composta por uma nova leva de artistas. (Idem)

Junto a esta plêiade de artistas expositores das canções regionais aqui citados, ainda poderíamos elencar vários outros importantes nomes, tais como, Henrique, Claudinho, Pescuma, Gilmar Fonseca, Enio, Léssio, The Xomanos, Vera e Zuleika, Caio Espíndola (Billy Espíndola) e outros nomes, não menos importantes na cena musical de Mato Grosso, porém, por questão de espaço e objetivo, vamos nos restringir somente a menção destes.

Mato Grosso, por suas características constitutivas desde a povoação, em seus primórdios, se constitui em campo fértil à análise sociolinguística, segundo (PHILIPPSSEN e LIMA, 2018, p. 07)

No contexto, mais específico, do estado de Mato Grosso, em relação a história da ocupação populacional, destaca-se em sua constituição o grande contingente de habitantes indígenas e, a partir do século XVI, a chegada de imigrantes europeus. Desde então grandes levas de (i)migrantes são responsáveis pela formação de uma sociedade diversificada cultural e linguisticamente devido às origens dos grupos e a estratificação social resultante da rápida concentração da renda e do relativo isolamento da região em relação ao restante do país. Desse modo, compreende-se que este espaço geográfico constitui, principalmente nos campos lexical, semântico, morfológico e fonológico, um vasto repertório para as pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas, linguísticas, etnolinguísticas e outras ainda incipientes nesta riquíssima região.

Portanto, ao fazermos o nosso recorte, o fazemos ciente da importância da pesquisa, tanto pelo objeto (canções regionais mato-grossenses), quanto pela teoria, pela diversidade de materiais e pela necessidade de se observar o quanto o estado de Mato Grosso é diverso e multifacetado, populacional e linguisticamente.

2. Da teoria

Grosso modo, podemos dizer que a sociolinguística é a teoria que nos fazer ver/perceber e estudar o funcionamento e a diversidade da língua no social. Entretanto, convém que dissertemos um pouco mais a esse respeito.

A sociolinguística é uma ciência, como qualquer outra, constituída de um objeto – a língua em uso no social -, uma teoria, um método e seus resultados. Tem como principal o estudo da língua falada diante de diferentes contextos, ou seja, o uso da língua no cotidiano de modo geral e as variações e mudanças de modo mais amiúde, *stricto sensu*.

A sociolinguística surge pela necessidade que alguns teóricos pressentem ao observar como os grupos sociais fazem uso da língua de modo divergente entre si.

Este fenômeno ressalta a importância de se perceber que a língua e a sociedade estão em constante processo de mudança, sendo alterada continuamente pelos seus falantes, nos diferentes contextos de interação sociocultural, ou seja, ela é de natureza, mutável, dinâmica, viva e sujeita a variações e mudanças, pelo uso da sociedade em contextos de interação.

Antes de entrarmos, de fato, na sociolinguística, é importante dizer que se trata de uma das áreas da linguística e, como tal, é de bom tom, considerarmos os estudos realizados por Ferdinand Saussure e sobre a expansão de pesquisa nessa área do conhecimento durante o século XX, sem deixar de lado as contribuições de diversos linguistas como (Chomsky, Meillet, Bakhtin, Jakobson, Benveniste e Lewis) entre outros.



A Linguística de Saussure define a língua como objeto de estudo, por oposição à fala (*Langue/Parole*). De acordo com Alkmim (2002, p.24), “Saussure institucionaliza a distinção entre uma Linguística Interna oposta a uma Linguística Externa”, assim sendo, enquanto os estudos de Saussure têm como maior foco a língua e não a fala, a sociolinguística elege a fala como seu objeto de estudo. Nesta dicotomia estabelecida ainda no começo do século XX, podemos deduzir que Saussure sabia da importância da língua no social, ou seja, a fala (*parole*), mas, naquele momento, a sua atenção estava voltada para os estudos da língua (*langue*) enquanto um signo.

A Sociolinguística enquanto disciplina que tem como objetivo as interações sociais, bem como os usos que é feito da língua em diversos contextos, se debruçará sobre os estudos dos fatores externos, na qual considera a língua em articulação, podendo sofrer influências sociais, tendo em vista essa afirmação, pode-se concluir segundo a concepção de Alkmim (2001, p.21) que “Linguagem e Sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável”.

O sociolinguista norte americano, William Labov, é conhecido como o principal nome da Sociolinguística Variacionista, em seus estudos constatou que a linguagem é heterogênea. Segundo Labov (1972; 2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideais e emoções”, por esta forma de comportamento e interações comunicacionais e pela heterogeneidade da língua é que se constata o fenômeno chamado de variação linguística, mas, o que é “variação linguística”?

Podemos dizer que variação linguística é a capacidade que a língua tem de se transformar e se adaptar, através do tempo e no espaço. Daí pode-se constatar a variação histórica, social, regional, estilo, etc. A variação histórica pode ser descrita com o seguinte exemplo: como a língua foi se modificando de acordo com o tempo. Um destes exemplos é o pronome de tratamento, “você”, que é uma redução das palavras “vossa mercê” que com o tempo sofreu algumas variações e que resulta em formas bem simples como na expressão “cê vai na praia hoje?”; outro exemplo possível na forma escrita é palavra



“farmácia” que era grafada com “ph” e hoje é com “f”, ou, a palavra “foto” que também passou pelo mesmo processo.

Variação regional é: palavras distintas faladas em regiões diferentes, que significam a mesma coisa. Exemplo: a palavra “Aipim” que é igual a “Mandioca” que é igual a “Macaxeira”; o pão “francês” que em alguns lugares se chama, “cacetinho” etc. Neste aspecto, também entra o que se chama de variação fonética. Em alguns casos, que mencionaremos mais adiante, a escrita da palavra não sofre alteração, porém, na forma falada, aparece uma ou mais variação fonética.

Variação linguística social: tem a ver com os grupos sociais. Dois grandes empresários conversando entre si, usam uma linguagem diferente de dois donos de pequenos estabelecimentos comerciais na favela. Um vovô de 70 anos conversando com seu neto de 15 anos, provavelmente usarão variações distintas da língua portuguesa, haveria aí uma variação linguística pela faixa etária; um grupo de surfistas e um grupo de peões de rodeio, por um certo tempo, certamente teriam dificuldade de comunicação.

Variação linguística de estilo: diz respeito a, situação de uso da língua, por exemplo: na variação de estilo leva-se em conta o que é adequado, ou não, diante de uma situação. Em uma situação de encontro de um grupo de amigos o uso da língua é predominantemente informal, mas diante de um júri é exigida uma formalidade. De forma que em situações diversas, será exigida uma forma de se expressar. Um professor no pátio da universidade falando com os(as) estudantes informalmente sobre sociolinguística, não será exigido deste professor a mesma formalidade de uma situação de conferencista de um evento de sociolinguística em que ele encontrará, basicamente, os(as) mesmos(as) estudantes na plateia. A formalidade do evento exigirá do seu conferencista uma variação mais adequada à situação e mais, uma língua padrão ou uma linguagem culta, aquela língua que aprendemos nos meios educacionais, diferente de uma linguagem coloquial, ou seja, da língua falada no cotidiano.

3. Da metodologia

Segundo Labov (2008, p. 244), “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”. Porém, para esta pesquisa, não se trata, apenas, de uma comunidade qualquer, são “falantes/cantantes” que fazem parte de uma comunidade de artistas de grande visibilidade regional, expoentes de composições de canções populares que expressam uma forma específica e particular do uso da língua, trata-se, também, de fonogramas públicos, ou seja, suportes apropriados para que os diversos tipos de mídias possam ser armazenados⁴. De forma que, os dados por nós coletados serão dados públicos e notórios, averiguáveis por qualquer pessoa e/ou instituição.

No primeiro momento foram coletados os fonogramas (áudio e áudio e vídeo); no segundo momento: audição e transcrição das letras das canções, observando a relevância de cada letra/canção para o objetivo da pesquisa, nesta fase, algumas letras/canções foram descartadas e outras eleitas para análise; no terceiro momento, nos debruçamos sobre o material coletado e os princípios teóricos para a análise que apresentamos a seguir.

4. Análise: variação linguística nas canções regionais em Mato Grosso

Como já observamos no início deste trabalho, Mato Grosso é, por sua constituição populacional e linguística, de caráter extremamente diversificado, observado, grosso modo, podemos verificar na grafia dos atos de nomeação das cidades certos nomes homônimos de outros nomes já usados em diferentes regiões do país, tais como, Mirassol (D'Oeste), Porto Alegre (do Norte), (Nova) Santa Helena, (Nova) Nazaré, Santa Rita (do Trivelato), (Nova) Marilândia, etc., estes nomes, excluindo as palavras entre parênteses, repetem os nomes de cidades de outras regiões do país, revelando assim uma grande

⁴ A partir da década de 1980, quando as primeiras canções (música e letra) começaram a ser gravadas, inicialmente os primeiros registros, em Mato Grosso, foram feitos em disco de acetato ou vinil, também conhecidos como “Long Plays” ou simplesmente “LPs”, e fita cassete. Em 1987 com os avanços das tecnologias e a chegada no Brasil dos discos de acrílico, “compact Disc” ou “CD”, mudou-se também as formas de gravação e produção/reprodução musical que, logo foi direcionada e redimensionada para um outro suporte, agora com sons e imagens chamado de DVD (**D**igital **V**ersatile **D**isc).



diversidade dentro do espectro cultural, social e linguístico que certamente impacta na forma como os(as) mato-grossenses usam a língua no seu cotidiano.

As chamadas, músicas regionais de Mato Grosso, como vimos anteriormente, começam a ganhar destaque e a ser motivo de preocupação no contexto cultural, a partir do momento em que o território mato-grossense passa a ser povoado por populações de diferentes culturas, fazendo com que a cultura local se visse ameaçada.

Neste jogo de forças entre cultura local, já estabilizada e as culturas diversas que se manifestaram a partir da chegada dos imigrantes, concorrendo, não apenas nos costumes, religiosidades, modos/modas e estilos, mas também na forma de falar, nomear as coisas, inclusive, nas formas de cantar, compor, recitar, etc., deste embate, que se caracteriza como solo fértil para a multiplicidade, compreendemos que se proliferaram as manifestações das variações linguísticas em Mato Grosso, bem como, tornaram visíveis as forças que se defrontam na disputa pela língua.

Portanto, a arte, mais especificamente, a música, será um dos veículos no qual estará inscritos/escritos alguns discursos de posituação do falar regional mato-grossense, procurando territorializar o campo musical como um dos canais ou meios onde se veiculam os traços de oralidade nas composições das canções regionais e posicionar o falar mato-grossense como marcador de resistência ao preconceito linguístico.

Uma das canções regionais gravadas por Henrique e Claudinho, no final da década de 80 do século passado e que repercute até os dias atuais é a canção chamada “Cuiabá, Cuiabá”. Nesta canção uma das frases chama a atenção,

Tem são Gonçalo, cururu e siriri, Cuiabá, Cuiabá.

No coxipó do ouro, da manga e do piqui, da lixeira e do jardim araçá.

São Benedito, parque da exposição, beco do candeeiro, panacéia e chopão.

No CPA, onde *a noite a gente vara*, na velha prainha e Maria Taquara.

Cuiabá, Cuiabá, Vila Real e Bom Jesus de Cuiabá.

Tem Jeje, samba na avenida, mas em Leverger é que se vive a vida.
(Grifo nosso)



A frase em destaque “a noite a gente vara”, concorre diretamente com a língua aceita/padrão, língua formal, pois dentro da formalidade a oração seria dita ou escrita de outra maneira, como, por exemplo: “a noite a gente passa”, uma frase que argumenta que no CPA é o local onde vão esperar a noite passar. Portanto, podemos entender esta frase como uma possível variação da forma coloquial e/ou formal de se expressar o mesmo enunciado.

Os seguintes versos são famosos entre os(as) artistas e simpatizantes das canções regionais mato-grossense, “Vou tomar guaraná, tchupar cadjú, comer banana. Passear com você, doce moreninha cuiabana⁵”. Inclusive, estes versos foram gravados pelos mais importantes artistas deste seguimento⁶. Entretanto, um fato nos chamou a atenção. A variação aparece claramente quando os versos são cantados, mas ao enviar a letra da canção para ser publicada, os versos aparecem sem a variação linguística, para qualquer internauta que for pesquisar pela letra desta canção (Moreninha cuiabana), encontrará ela grafada desta forma, “Vou tomar guaraná, chupar caju, comer banana. Passear com você, doce moreninha cuiabana”⁷.

A canção mais emblemática que encontramos no cancioneiro regional de Mato Grosso é, sem dúvida, a canção gravada por Vera e Zuleica, chamada “A la Cuiabana”⁸,

Nhacá! Tá dgira? Txá marica djá vai cotchichá? Bão largá disso!
Mitchirica igual tavorá! Tchussa aqui, tchussa ali... Êh! Ah!
Duvidá? Carca aqui, carca ali! Cuidado raigá! Tá pirpitinha!
Invedjoso! Djá vai me canhá? Demais de bom! Tchá! Por Deus!
Vou até pipiná!... Oxi, oxi, oxigênio... A pele do branco! A pele
do negro! A pele do índio! A pele na pele! A pele repele? Oxi,

⁵ O título da canção é: Moreninha cuiabana

⁶ Dentre os vários artistas que gravaram estes versos, podemos citar: Roberto Lucialdo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=znidmIkPZEw> – Acesso em: 02, jun. 2022. Vera e Zuleica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rps7xMm7XF0&list=PLO7y-utenO3M8m9hGXLels2kOusISAON0&index=1> – Acesso em: 02, jun. 2022.

⁷ A letra de uma versão gravada pela Banda Strauss pode ser encontrada no seguinte endereço: <https://www.letras.mus.br/banda-strauss/964926/> - Acesso em: 02, jun. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rmXda0weU-g> – Acesso em: 02, jun. 2022.



oxi, oxigênio... A pele da onça! A pele do tigre! A pena da arara!
A pena da garça! A pele do jacaré..! "Dawê..." Oxi... Oxi... Oxi

Sobre esta canção, Milton Pereira Pinho (Guapo), em uma entrevista nos oferece algumas pistas que consideramos muito importantes sobre as condições de produção em que a mesma foi escrita e gravada. Segundo Guapo⁹, Zuleica de Arruda e Vera Baggetti, em 1985, haviam chegado da Áustria com um disco recém gravado, onde procuravam reafirmar as raízes da cultura mato-grossense, inclusive com a ajuda de um maestro austríaco e um grupo de estudos de música contemporânea e, uma das faixas do disco é esta que apresentamos.

É importante observar que as variações linguísticas estão em quase todos os versos da canção, mais que uma canção regional, esta nos parece ser, um mantra para exorcizar qualquer outra interferência variacional de outros modos de falar dos povos que aqui chegaram e, se constitui em um “estatuto”, um “paradigma”, um referencial de resistência verbal dos modos de falar mato-grossense.

Outra característica curiosa desta canção é a sua modernidade, trata-se de uma canção cuidadosamente pensada para ser moderna, os arranjos estão antenados com os arranjos de grandes nomes da música mundial, as harmonias jazzísticas, as síncopes rítmicas equilibradas, sons de sintetizadores modernos, partes cantadas e outras faladas, fazendo lembrar elementos do Hip Hop, enfim, uma canção perfeitamente adaptada às tecnologias da época, mesmo que a sua forma oralidade buscasse uma “permanência”, ou seja, uma forma sedimentada do uso oral da língua. Na estrofe acima citada, há várias tradições sendo perpassadas, palavras em português, espanhol, guarani, africano, que deram origem ao falar ribeirinho mato-grossense. E na parte final, trechos de um canto indígena da nação Nambiquara. Portanto, podemos afirmar que no caso específico desta canção, temos a variação linguística, e também, o (bi)dialetismo e o (bi)linguismo.

⁹ Entrevista cedida ao canal “Aldeia do vinil”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a9SMRgfwk_o – Acesso em: 02, jun. 2022.

Todo este *mix* de elementos culturais, do autóctone à modernidade veio a ser chamado no final da década de 1990, pelo sociólogo argentino, Nestor Garcia Canclini, de “hibridação cultural”, segundo o autor na América Latina, há uma longa história de construção de uma cultura híbrida, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, culto, popular e massivo (CANCLINI, 1998).

De forma que esta canção, presumidamente, tem como objetivo a manutenção de um *ethos* cultural mato-grossense que visa a preservação da sua oralidade tradicional, mantendo assim, vários elementos do passado. Entretanto, para atingir este objetivo, as suas cantautoras fizeram uma grande imersão no que havia de mais moderno.

Conclusão

No decorrer deste trabalho procuramos dar visibilidade aos vários fenômenos de variação linguística nas canções regionais do estado de Mato Grosso, apresentamos, mesmo que de forma breve e sucinta os principais conceitos da sociolinguística e da sua metodologia e esboçamos alguns gestos de análise.

Observamos que as canções regionais populares de Mato Grosso se constituem como um rico material de análise para a linguística e principalmente a sociolinguística Variacionista, pois se trata de um estado brasileiro onde habitam muitos imigrantes vindos das mais variadas regiões do país, sem contar o fato de que é um estado que faz fronteira com a Bolívia e tem como habitantes vários povos indígenas.

Este trabalho nos serviu para que atentássemos para uma questão metodológica que entendemos como primordial para as análises das canções regionais e que procuraremos dar mais ênfase em outros trabalhos, as condições de produção do trabalho dos compositores, bem como, o lugar social de quem fala, como fala, para quem fala e com qual objetivo, afinal, tanto a reafirmação e positividade das variações linguísticas da forma não padrão, quanto à forma padrão da língua, são instrumentos de poder, mas, poder para quem e para quê?



BIBLIOGRAFIA

Agenda tem concertos, espetáculos de teatro e exposições em MT. G1, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/05/agenda-tem-concertos-espetaculos-de-teatro-e-exposicoes-em-mt.html>. Acesso em: 17 abr. 2022

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In: Fernanda Mussalim, Ana Cristina Bentes (orgs.). **Introdução à linguística**: 1. Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=51300&key=13b5245328d6f8dbb8b4d1b2016e68c4> – Acesso em: 19 abr. 2022.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica / Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2002. 176p., 18cm

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p.

MORAIS, Protásio de. **Guapo e João Eloy revelam os segredos das composições do rasqueado**. SECOM, 2019. Disponível em: http://www.mt.gov.br/rss/-/asset_publisher/Hf4xlehM0Iwr/content/13003753-guapo-e-joao-eloy-revelam-os-segredos-das-composicoes-do-rasqueado/362998/pop_up?_101_INSTANCE_Hf4xlehM0Iwr_viewMode=print&_101_INSTANCE_Hf4xlehM0Iwr_languageId=pt_BR – Acesso em: 17 abr. 2022.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. LIMA, José Leonildo. **Diversidade e variação linguística em Mato Grosso** / Organizadores: Neusa Inês Philippsen; José Leonildo Lima. – Cáceres: Editora Unemat, 2018. 228P. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Editora/livro-diversidades-Linguisticas.pdf>. Acesso em: 19 abr 2022.

Recebido em: 13/11/2023 | Aprovado em: 18/07/2024
Publicado em: 13/07/2025
